

ANNO VI

63-65 RUA DO OUVIDOR 63-65

PROPRIEDADE DE

Antonio Pereira Leitao &amp; C.

## UM LIVRO QUE VEM

O estólo é o homem, a toilette é a mulher. Uma mulher dentro de uma toilette comum, onde voam os flores de renda e estofos sem harmonia, sem alegria, sem encanto, representava evidentemente um homem, sem a diferença, que na *Autre chose*, vende-se a roupa e fica o nome que é, aqui, vende-se o nome que é, a roupa.

Perguntaram a essa senhora quem foi Miguel Angelo ou Shakespeare e ela respondeu que não sabe, já ouviu dizer, mas não presta atenção.

Na toilette ou mangas das sciencias de não convém, (...) ou seu tocajor não falaria o ultimo *old-critic* inventado, tem brilho esplendor, quando pinhas, cincuenta pés de lebre, espelhos, tintas, perfumes, tudo, tudo, menos uma estante de livros.

Uf! eis a sua ilustração na *bonita chácara* de Castro Nunes e nos romances de cavalaria, excepto feita do D. Quixote.

Friola essa mulher, como todas as que têm a preocupação da toilette esplendorosa.

O que quer dizer esta tirada de filosofia barata? perguntou o leitor.

Não quisera amarras, mas os menos, que os menos olhos de capira recemegado dos torcidos sortes do norte, ainda círculos da inclemência que exalava o meu coração nostálgico, sentiam um prazer indizível ao ver passar na rua do Ouvidor, esguia como um sibilo, a sua amada semelhante, tão bela e elegante e simples, digna a bella e cheia fulva, como da tristeza deles da sua morte de Jeanne d'Arc emergia o senho luminoso da liberdade.

Vi muitas vezes, e nunca aquelle perdição original se me confundiu.

Na alguma noite, quando o Rio Branco, que é a grandeza simples, natural, independente do gosto e do movimento, que tem sua fonte no coração, e que é como que uma continuação da sua alta nascente; um mérito pacífico, porém sólido, acompanhado de mil virtudes que elas não podem ocultar com toda a sua modestia, que escapava e que se mostrava a todos os olhos, e que é a sua beleza.

Sai que a correcção das *gardeuses*?

Sai que a correcção das *gardeuses* negra aquella simplicidade artística; aquelle andar sombrilhante; o brilho tranquilo e sonhador daqueles olhos de um verão suave e transparente, revelavam-me um espírito fino e atildado; capaz das maiores termas e das maiores cenas; explosivo, como o fogo e suave como o príncipe gorgojo de um saíba ao romper da aurora.

Dois anos depois, em 1888, às 7 horas da noite, a porta da *Gazeta da Tarde*, um anúncio chama-me e apresenta-me a Exma. Sra. baronesa de Mamanguape.

Eu viuha de ler na *Gazeta de Notícias* o seu imortal soneto de estreia—*O mar*. Não me lembro se desfechei a quem me deu, deixo-me que fiquei aborrecido de contentamento.

A toilette é a mulher.

Era impossível que todo aquella discussão de fidalgos escapasse a corte de Luiz XIV fosse uma vulgaridade.

Nenhuma estrá mais arrogante e mais aspasia que a da gloriosa parceria de peritos táticos e os capitães de distritos de guerra, que se sentiam no topo da sua glória, em luga para o príncipe planos, deslumbrando velhos combatentes e cercando-o de fundo onde mais verdadeiro falso o mentiro real — a inveja.

Ser invejado é o trimpulho das grandes e o desespero dos pequenos.

Quando Etienne, o rei da França austriaca, exortou a subida a passadeira de petrópolis, um volume de versos, e criou, admirada de que o espírito franzino de uma mulher fizesse cajaz de semelhantes arruços finos, fez-lhe tremenda guerra. Convenceu-se por fin, e depois confessou que nem a Áustria, nem a Alemanha tem poetas que se lha ote.

Está com um padrinho, piormente num estreito-simo metro literário como o nossa, é temeridade da qual só lira parido o talento privilegiado, sol que lhe da vida, por force derreter o gelo da in-diferença e desfazer a tréia que o quer tapar.

As seguintes trabalhos da *Baroneza de Mamanguape* foram contados por trânsito, e um mez de publicidade estendeu-lhe a popularidade pelo Brasil inteiro e pela terra de além-mar, que nos deu a linha que falamos.

Coração delicado e misterioso, que vivia magicamente todas as cordas do seu timbre; e que, quando se sentia atraída por um orgão numido da qual trouxe a nostalgia da círculo, a ideia ideal da liberdade de Lancôme; todo um organismo de nervos que a traçam intermitentemente num completo estado de somnolência, afeita à terra, nos extasis de Santa Theresa, ou irrequieto e ridículo, a baroneza de Mamanguape desce ao teatro, fundo do oceano e traz, *A Perda* para o céu, ouça o morgulador de Mürger, e a sua superba canta o *Bella Morte*.

... e, então, e logo, e logo...

Plácido orgulho de uma luta corrente, Onde, da espuma o bocanear sambos, Gaudioso voga em seu batalhão;

... e logo, e logo...

... e logo, e logo...